

KINSOLVING



PUBLICADORA ECCLESIA

Kinsolving

Biografia de um dos primeiros missionários
da Igreja Episcopal no Brasil

relatado por

IVO

Publicadora Ecclesia



Editado pela
Editora Metrópole S. A. — Porto Alegre
para a Publicadora Ecclesia

Í N D I C E

Os pródromos	9
A chegada	17
O início da obra	19
Visita episcopal	27
O primeiro bispo	33
O Seminário	39
Alarga o lugar da tua tenda	45
O problema da educação ...	53
A perda de paladinos	57
As Sociedades da Igreja	61
O bispo sufragâneo	63
O homem	67
«Crepúsculo e sino da tarde»	73

P R E F Á C I O

É indiscutível que a presente biografia vem preencher uma lacuna que, de longa data, se fazia sentir em nossa literatura.

Já se contam aos milhares os episcopalianos brasileiros para quem o nome de Kinsolving não constitui muito mais que um simples nome cujo sentido histórico se vai tornando distante e vago. Visto como êle foi tantas vêzes mencionado, por ocasião do Congresso da Igreja Episcopal, reunido em Pôrto Alegre, no ano passado, ainda mais se acentua o caráter oportuno dêste relato breve e ameno da vida do primeiro Bispo da Comunhão Anglicana com jurisdição e residência no Brasil.

O autor que, por motivos que respeitamos, adotou o pseudônimo de Ivo, é hoje um dos poucos remanescentes daqueles dias de pioneirismo, nos quais se movimentou a figura impressionante

de Lucien Lee Kinsolving. Foi, portanto, testemunha ocular ou, pelo menos, contemporâneo da maioria dos fatos aqui narrados. A sua linguagem límpida, a sua maneira simples de apresentar as diversas fases da vida e das atividades do grande homem de Deus, atraem e prendem a atenção do leitor.

Para aqueles que conhecem a Igreja Episcopal de nossos dias, já amadurecida, acatada, com os esplendores e os problemas próprios de um organismo que evoluiu, será de particular interesse a descrição que aqui se faz do ambiente modesto, pleno de lutas e insegurança em que um punhado de heróis lançou, com abnegação e fé, os alicerces do monumento a cuja sombra hoje nos podemos abrigar.

Ao venerando autor desta biografia devemos, pois, o grato privilégio de avivar na mente a figura máscula e apostolar, quase legendária, do nosso primeiro Bispo.

Pôrto Alegre, Páscoa de 1961.

† Egmont Machado Krischke

OS PRÓDROMOS

Lembra-nos que, há quarenta e cinco anos, por ocasião de uma homenagem, que lhe foi prestada pelos membros da Capela de Cristo, em Jaguarão, o Dr. Lucien Lee Kinsolving, encerrando o seu discurso de agradecimento, disse: «Se pudessemos abrir o meu coração, leríeis nêle, gravado em letras indeléveis, êste nome — Brasil!» E, dos sessenta e oito anos que viveu, quarenta passou-os, provando por palavras e por atos o seu acendrado amor a esta terra.

É como brasileiro e como quem muito deve àquele prelado que pomos peito ao esbôço biográfico do homem que transcedeu a craveira comum da humanidade. E, para tanto, muito nos valem do precioso auxílio fornecido pelo livro, **A Portrait Sketch of the Rt. Rev. Lucien Lee Kinsolving, S.T.D.**, traçado por seu irmão, o erudito Rev. Arthur B. Kinsolving, D.D.

Ajudamo-nos também e muito da **História da Igreja Episcopal Brasileira**, da pena do Rev. George Upton Krischke, ilustre membro da Academia

Sul-riograndense de Letras e consagrado ministro daquela mesma Igreja; e de informações particulares, que alguns amigos bondosamente nos deram.

Nasceu Lucien Lee Kinsolving a 14 de Maio de 1862, em Middleburgo; e era filho do Rev. Ovídio A. Kinsolving, então pároco da Igreja de Emanuel, naquela cidade do Estado de Virgínia, e de D. Lucy Rogers Kinsolving. Moça culta e de viva fé cristã, D. Lucy devotara ao sagrado ministério, se assim fôsse a vontade de Deus, tanto êste filho como o que nascera quinze meses antes, e que se tornou mais tarde o Rev. Dr. Arthur B. Kinsolving, acima mencionado. Faleceu a piedosa mãe treze dias após de haver dado à luz a Lucien.

Troavam nessa era os canhões e crepitavam as fuzilarias da Guerra de Secessão. No sepultamento da senhora Kinsolving, oficiou o Rev. Dr. José Packard, e, enquanto decorria o serviço fúnebre, mandou êle que os assistentes se deitassem no chão, para se protegerem das balas, que partiam de uma dura peleja travada entre fôrças da cavalaria federal e confederada, à curta distância do cemitério de Middleburgo. Entretanto, o oficiante continuou de pé, lendo a Ordem para o entêrro dos mortos.

Ninguém sabe que influência exerceu o bêgo em ambiente tão dramático sobre o espírito do jovem descendente dos Kinsolvings e dos Lees, entre cujos antepassados se contavam dois signatários da Declaração da Independência.

O primeiro professor de latim de Lucien e Arthur foi seu próprio pai, o Rev. Dr. Ovidio que, com ser mestre rigoroso, era muito abalizado. Mais tarde, na Academia Masculina de Halifax, dirigida pelo Sr. Luiz Cass Watkins, matemático de renome, os dois mocinhos aprofundaram-se no conhecimento desta e das demais matérias do programa. Aí, madrugaram em Lucien os talentos de declamador e orador, empolgando êle os auditórios com a sua elocução arrebatadora e com a sua emotividade contagiosa.

Passaram ambos pela Episcopal High School de Virgínia, onde se notabilizaram Arthur, pelo seu aproveitamento nos estudos e pela sua vasta capacidade literária; e Lucien, pelo seu fascinante dom de falar. Por seus respectivos méritos, ambos ganharam honrosas medalhas.

Deixando o Ginásio Episcopal, aceitou Lucien o cargo de Diretor de uma Escola Paroquial do condado de Lee, no Estado de Kentucky, que lhe

foi oferecido pelo Bispo Thomas U. Dudley. Era êste distrito um dos mais selvagens e rudes da-quele Estado. Ali, o moço ainda tenro aguentou-se durante três anos, escapando várias vêzes, por pouco, de morrer assassinado às mãos de rapazes turbulentos, dissolutos e infrenes, que habitavam as montanhas de Kentucky. Do seu parco salário, economizou, todavia, o suficiente para se matricular na Universidade de Virgínia, quando se exonerou do magistério. E olhou sempre para essa experiência árdua e penosa de professor de uma Escola Paroquial, numa zona então inóspita, como a época em que foi avultando no seu espírito o propósito de se fazer ministro missionário do Evangelho. Com grande proveito passou Lucien dois anos na Universidade de Virgínia, onde grangeou um sem-número de amigos.

Em 1886, entrou para o Seminário Teológico, que seu irmão já cursava há dois anos. Regia, por êsse tempo, a instituição o Rev. José Packard, que os vira criancinhas, e na orfandade; e os tratou, agora, com especial desvêlo e carinho.

Enquanto estudante de teologia, foi Lucien incumbido de pregar, durante as férias, nas igrejas episcopais do condado de Essex, no Estado de

Virgínia. Em breve trecho, os templos apinhavam-se de gente ansiosa por ouvi-lo; e, de dia em dia, cresceu a sua fama de orador sacro. Consideravam-no um prodígio de eloquência. E o seu fervor sincero despertou o interêsse religioso em muitos homens maduros, que nunca antes o haviam demonstrado.

Quando foi da sua colação de grau, em Junho de 1889, a atmosfera do Seminário Teológico de Virgínia estava pejada de viva simpatia para com o Brasil. Muitas pessoas dotadas de sentimentos cristãos e apostólicos entristeciam-se ao saber que o rebanho espiritual pastoriado pelo Catolicismo Romano, durante quatro séculos, na América do Sul, se achava em crassa ignorância e atraso a respeito da religião de Jesus Cristo. E a Sociedade Missionária da Igreja Americana resolveu que aquêle rebanho não continuaria, por mais tempo, sem pastor; não seria deixado, por mais tempo, sem melhor testemunho cristão do que tivera até ali.

Entre os altos ritualistas da Igreja-mãe, todavia, surgiram fortes objeções ao envio de missionários ao Brasil, por ser êste um país de tradições latino-cristãs. Contrapondo-se a essas idéias acanhadas, escreveu o Bispo Whittaker, de Penn-

sylvania, dirigindo-se à Sociedade Missionária: «Os nossos missionários foram para alí na plenitude da bênção de Cristo. O seu motivo inspirador é pregar Cristo crucificado àqueles de quem Ele tem sido ocultado por meio das invenções dos homens». Na revista episcopal, **The Echo**, encontram-se cartas de Bispos de grande envergadura, que apoiam calorosamente a determinação da Sociedade Missionária de mandar trabalhadores, para semearem a semente do Evangelho puro nas leivas do Brasil.

Foi, porém, no Seminário Teológico de Virgínia que se corporalizou a nobre idéia. Moravam nos seus arredores duas senhoras muito piedosas, cuja hospitalidade cristã era procurada pelos seminaristas. Vivia na companhia daquelas uma sobrinha, filha do Rev. A. G. Simonton, pioneiro da Missão Presbiteriana em nossa pátria. Das três senhoras houveram os estudantes muitos conhecimentos sôbre o campo missionário de seu parente, o Rev. Simonton. Leram, na sua casa, um folheto, **The Brazilian Leaflet**, que trazia largas informações sôbre êste país e sôbre as trevas religiosas do seu povo. Isso causou profunda impressão no espírito dos futuros ministros. James W. Morris, de linhagem ilustre, admirável erudição e profunda piedade, ofereceu-se para vir e foi

aceito. Era bem de ver que não seria justo vir sozinho o Sr. Morris. Nem a Sociedade Missionária da Igreja Americana o enviaria assim.

Chegaram, nessa conjuntura, para o Sr. Kinsolving as grandes esquadrihações do coração. É natural e humano que, nesse período de lutas e tempestades íntimas, passassem pela mente do moço orador as imagens de seus ancestrais que fizeram grandes coisas em prol de sua pátria. De seu velho pai, douto, crente e fiel ministro do Evangelho. De sua mãe devota e santa, que êle não conhecera mas sabia ter sido ceifada ainda moça e formosa e conduzida para «novos céus e nova terra», aonde êle queria chegar, para encontrá-la. Do Bispo Payne, pioneiro da Missão da Libéria, na África, que abandonara uma carreira brilhante na sua pátria, para seguir um ideal celeste.

Mesmo antes da sua ordenação ao diaconato, recebera o jovem Kinsolving propostas tentadoras de posições, para servir no seu próprio país. Êle, porém, com elegância e heroísmo, apenágios de tôda a sua existência, encarou de frente o problema de consagrar a sua vida à evangelização do Brasil.

À feição de Jacó em Peniel, uma noite encaminhou-se, sozinho, para o pequeno cemitério

do Monte do Seminário; ajoelhou à beira do sepulcro do Bispo Payne; e ali passou longas horas em oração ardente e tormentosa. Mas, ao erguer-se de sôbre os joelhos, estava transfigurado. Era homem convicto de que Deus o chamara, para pregar o Evangelho no Brasil. Inundava-lhe a alma a alegria inenarrável do sacrifício próprio.

Ofereceu-se para a grande emprêsa desconhecida. Como ao Rev. Morris, aceitou-o a Sociedade Missionária da Igreja Americana, única instituição, por aquêle tempo, capaz de mandá-los para o seu campo de ação. Mas aquela Sociedade impôs a condição de que os dois moços partissem por conta própria, grangeando antes os fundos necessários para se sustentarem. E êles assim fizeram.

A CHEGADA

Ordenados que foram em presbíteros, os Revs. Morris e Kinsolving partiram de Newport News, em 1º de Setembro de 1889, a bordo do vapor **Aliança** da U. S. and Brasil Steamship Company. Na noite que antecedeu o seu embarque, reuniu-se na pequena igreja de madeira de Newport News, um grupo de amigos, para abraçá-los e invocar sôbre êles as bênçãos divinas. Os dois jovens conheciam apenas uns poucos vocábulos portugueses; mas confiavam no seu Mestre e no Espírito Santo, que despertara em seus corações o desejo de ir. Após uma viagem açoi-tada por tremendo furacão, abicaram em Santos, o grande porto do café do Brasil. Partindo dali, estabeleceram-se na cidade de Cruzeiro, para aprender o vernáculo com o Rev. Benedito Ferraz, ministro presbiteriano. Em breves têrmos, o padre católico romano da paróquia promoveu uma insurreição contra os «hereges». Um bando de amotinados atacou-lhes a casa em que moravam; mas, enquanto o assalto se dava pela frente do prédio, fugiram os missionários pelos fundos, pas-

sando por debaixo de uma parreira. Jornadearam, então, para São Paulo, em busca de proteção. O apóstolo, que dera nome a esta cidade capital, tivera muitas experiências tais; êles bem o lembravam.

Quarenta e cinco dias depois da sua chegada ao Brasil, caiu a Monarquia. Proclamada a República Federativa, promulgaram-se leis mais liberais. A Igreja Católica Romana deixou de ser a religião do Estado, e concedeu-se plena liberdade de pensamento, de palavra e de culto.

Nesse tempo, os evangelizantes resolveram abrir o seu campo de trabalho no Estado do Rio Grande do Sul. Ponderável era a colônia alemã, na sua quase totalidade protestante, que mourejava na indústria, no comércio e na lavoura desta região do país. E o povo gaúcho habituara-se a conviver com os pastôres luteranos, em geral homens bons e cultos, muito embora não exercessem o espírito apostólico; e só pregassem em germânico, para as suas comunidades. Assim, foi sem estranheza nem espanto que os habitantes de Pôrto Alegre viram os ministros americanos caminharem pelas ruas de sua cidade.

O INÍCIO DA OBRA

No período de seis meses, manejavam já os dois profetas o idioma português, a ponto de poderem dirigir os ofícios divinos e pregar na linguagem do povo. De São Paulo, haviam trazido uma carta de apresentação dada pelo notável filólogo e ministro emérito da Igreja Presbiteriana, Rev. Eduardo Carlos Pereira. Essa carta os recomendava ao Sr. Vicente Brande, diretor de um pequeno Colégio Misto, na capital riograndense e membro daquela denominação evangélica do referido Estado.

Era o Sr. Brande moço possuidor de fé sincera, nobre caráter e extrema gentileza. Sem perda de tempo, descobriu para os seus apresentados um prédio sito no bairro do Caminho Novo e de propriedade do Cel. Zeferino Fraga, rico fazendeiro em Santa Rita do Rio dos Sinos.

Transformou-se essa morada em Casa de Oração, onde o Evangelho foi pregado pela primeira vez em vernáculo aos pôrto-alegrenses; e

onde se operaram muitas conversões, figurando entre estas as dos Srs. Antônio Machado de Fraga, André Fraga e D. Cândida Fraga, filhos do fazendeiro supracitado.

Evitando controvérsias estéreis, tanto quanto possível, e dedicando-se à doutrina cristã explícita, baseada no Novo Testamento, ambos os apóstolos do Brasil despertaram profundo interesse e viva simpatia, mórmente na mocidade.

Naquele edifício da rua Voluntários da Pátria n° 1345, que ficou conhecido por **Casa da Missão**, ferido pelo verbo inflamado dos pregadores estrangeiros, converteu-se um moço empregado do comércio, dono de raro talento oratório. Era Américo Vespúcio Cabral, que se havia de fazer ministro do Evangelho e arroubar os auditórios, levando-os a Cristo, como um novo Crisóstomo dos pampas. O próprio Dr. Kinsolving declarou a seu irmão Arthur que «Cabral era o pregador mais eloqüente que êle jamais ouvira em qualquer língua».

Perguntavam aos missionários: «Dizem que há uma Igreja Católica mas não Romana. É essa a Igreja que os senhores representam?»

E êstes respondiam: «Exatamente. Possuimos dois Credos, o dos Apóstolos e o Niceno; e um

ministério derivado da primitiva Igreja Apostólica. Defendemos também a liberdade com que Cristo nos libertou. Contamos viver em paz e amor fraternal com todos os que trabalham em nome de nosso bendito Senhor». Esse espírito liberal tinha de apelar para um povo liberal, como é o do meio-dia do Brasil. E interessou também as autoridades civís. Convenceram-se essas de que os forasteiros tinham vindo para ajudar verdadeiramente o povo brasileiro. A fé não fingida dos evangelizadores, a pureza de vida de suas famílias e a sua consagração ao trabalho atraíram a boa vontade de todos.

Uma feita, Antônio Machado de Fraga, moço guapo, filho do fazendeiro Cel. Zeferino Fraga, visitou o Rev. Kinsolving; e, mostrando-lhe uma estatueta, falou-lhe assim: «Veja aqui esta imagem de Santo Antônio. Hei-lhe acendido velas e hei-a surrado. Porém o santo não me quer dar o que eu peço. Ouvi dizer que os senhores pregam um que é mais forte que Santo Antônio. Queria o senhor ter a bondade de conversar comigo sôbre Jesus Cristo?»

O jovem Fraga, que até então ajudava seu velho pai a administrar a fazenda, abandonou as lides campestinas. Converteu-se num dos mais fiéis ministros da Igreja Episcopal Brasileira.

Naquela época, era relativamente elevado o número de intelectuais patricios sectários do Positivismo de Augusto Comte. Muitos seguiam a Maçonaria e atacavam o clero. Nas classes inferiores imperava a Macumba, mixto de cristianismo e feiticismo africano. A Igreja Católica Romana não ensinava os Evangelhos; e contentava-se de que os seus fiéis cumprissem as formalidades religiosas de ir à missa, confessar-se, batizar-se, casar-se e enterrar os mortos pelos seus ritos, que eram feitos em latim. Isso nos lugares onde havia padres. Onde não os havia, o povo ficava entregue a si mesmo. O Vaticano, voltou, por aquêles dias, a sua atenção para as más condições morais do seu clero, neste país. E enviou, primeiro, o Padre Fidelis, que fôra antes o Rev. James Kent Stone, ministro Anglicano. Depois, expediu um piedoso dignitário e candidato ao papado, para que examinassem ambos o estado da Igreja Católica Romana, nas plagas do Cruzeiro do sul. Os relatórios apresentados por êsses Padres venerandos não divergiram em nada dos que os missionários haviam remetido para os Estados Unidos. E o de tudo isso foi uma paulatina porém notável elevação do padrão moral dos sacerdotes daquela Confissão no Brasil. Ao cabo de alguns anos, um Bispo católico romano agra-

deceu aos peregrinos o benefício que haviam feito à Igreja de que era antístite.

O professor Vicente Brande, de quem já falamos anteriormente, vendo com agrado a boa orientação, que tomara a assembléia cristã incipiente, apresentou-se candidato ao seu ministério. Já cristão de alguma experiência em outra denominação evangélica, profundamente visto nas Sagradas Letras e senhor de uma facúndia irresistível, foi o Sr. Vicente Brande elemento valiosíssimo no auxílio que prestou aos missionários em lançarem os alicerces da instituição que primeiro se chamou Igreja Protestante Episcopal no Sul dos Estados Unidos do Brasil, e que hoje tem o nome de Igreja Episcopal Brasileira.

No ano de 1891, o Rev. Kinsolving volta aos Estados Unidos, para se unir em matrimônio com a Srtia. Alice Brown, de Mount Holly, no Estado de New Jersey, que êle conhecera, quando foi dos seus estudos teológicos no Seminário de Virgínia, em Alexandria. Celebrou o casamento no dia 7 de Junho, na Igreja Episcopal em Mount Holly, o Rev. Ovídio A. Kinsolving, pai do noivo, assistido pelo Rev. Augus Crawford, reitor da paróquia.

Possuia D. Alice altos e nobres predicados e por longos anos ditosos, foi digna companheira e inspiradora do Dr. Kinsolving.

No seu regresso, o novel par fixou residência na cidade de Rio Grande, onde o Rev. Lucien Lee Kinsolving assumiu o cargo de pároco da Igreja do Salvador.

Entretanto, os dois homens de Deus escreviam reiteradas cartas para os Estados Unidos, dando novas alvissareiras do progresso do trabalho de evangelização. E concitavam os seminaristas a virem ajudá-los a desenvolver a grande obra. Mais dois estudantes do Seminário de Virgínia resolveram a vir. Eram êles os Revs. William Cabell Brown, extraordinário lingüista, que fizera, antes do curso teológico, um curso parcial de Direito, na Universidade de Virgínia; e John Gaw Meem, que anteriormente estudara com brilho na Academia Militar daquele Estado, e cujo pai, General Meem, engenheiro civil, trabalhara na construção da Estrada de Ferro Central do Brasil. Êsse último fato cooperou para determinação de John de vir para êste país com fito de «preparar o caminho do Senhor», assim como seu progenitor, rasgando montanhas e assentando dormentes e carris, preparara o caminho dos homens. Eram dois moços de cultura e de caráter excepcionais os que vinham dar o melhor do seu ser ao amanhã da vinha de Deus. A êsses o Dr. Kinsolving, mais tarde, sendo então Bispo, apelidou «homens número um».

William Cabell Brown era casado e trouxe consigo sua jovem esposa, e distinta senhora D. Ida, que muito o auxiliou na sua árdua tarefa de apostolizar.

Fazia parte dessa caravana uma moça, a Srta. Maria Packard, pertencente à vergôntea aristocrática do Estado de Virgínia, filha do sábio ancião Rev. Dr. José Packard, então reitor do Seminário Teológico. Foi esta moça a primeira diaconisa que pisou terras brasileiras. Competente, bondosa e cristã sem jaça, qual seu pai, prestou serviços inestimáveis à Causa Evangélica do Brasil, especialmente no trabalho entre as senhoras e as crianças.

É digna de reparo a coincidência de que êses quatro novos missionários viajaram para cá no mesmo excelente vapor **Aliança**, que trouxera os dois primeiros arautos do Evangelho.

Como genuínos cavalheiros, que eram, os Revs. Morris e Kinsolving estenderam sempre a êses novos colaboradores o merecido título e as honras de fundadores da Igreja Episcopal Brasileira; pois cada um dêles, na medida das suas forças e possibilidades, deu a sua quota de sacrifício para as bases de uma Igreja nacional.

VISITA EPISCOPAL

Crescia a olhos vistos a novél instituição. Muito mais de cem comungantes aguardavam o rito apostólico da Confirmação. Quatro candidatos ao diaconato anelavam a sua ordenação.

No ano de 1893, a instâncias da Sociedade Missionária da Igreja Americana, uma subsidiária da Junta das Missões, mais tarde absorvida por essa mesma Junta, o Bispo Presidente designou ao Bispo George W. Peterkin, da Virgínia ocidental, para fazer a primeira visita episcopal à Missão nascente.

Esse antíste fôra destemido soldado da Confederação e não se amofinava com as agruras das viagens. A 23 de Agôsto, aportou, a bordo do Clyde, à cidade do Rio Grande, cujo pequeno rebanho era pastorado pelo Rev. Kinsolving. À noite dêsse mesmo dia, presidiu ao ofício divino realizado na Capela do Salvador e confirmou 24 pessoas, primícias da Igreja Episcopal Brasileira.

Visitou, outrossim, a vila fronteira de São José do Norte, onde confirmou uma classe de 6

candidatos, que também, lhe foi apresentada pelo pároco riograndense. De outra feita, na Capela do Salvador, impôs as mãos sôbre mais 6 pessoas, perfazendo um total de 30 confirmandos na cidade do Rio Grande.

Em 28 de Agôsto de 1893, no mesmo local, o Revmo. Peterkin ordenou diácono o Sr. Vicente Brande, o primeiro ministro nativo da Igreja que desabrochava.

Partiu, em seguida, para a cidade de Pelotas, cujo trabalho fôra fundado pelo Rev. John Gaw Meem, auxiliado pelo catequista Antônio Machado de Fraga. Na Capela do Redentor, apresentou-lhe o Rev. Meem uma classe de 26 candidatos à Confirmação. A 1º de Setembro o Revmo. Bispo ordenou um diácono o Sr. Antônio Machado de Fraga.

Corta, depois, o prelado as águas da Lagoa dos Patos, rumo a Pôrto Alegre, a maior e mais próspera cidade do Brasil meridional. Na Missão da rua Riachuelo, regida pelo Rev. William Cabell Brown, coadjuvado pelo catequista Cabral, foram confirmados 22 convertidos. E na Casa da Missão, no Caminho Novo, sob a direção do Rev. Morris, o Bispo impôs as mãos sôbre mais

14 pessoas, completando-se o número de 36 legionários da cruz.

A 12 de Setembro, na sala de cultos sita à rua Riachuelo, ordenou à primeira ordem apostólica o catequista Américo Vespúcio Cabral. Por essa ocasião celebrou-se, pela primeira vez nesta casa, a Santa Eucaristia.

Viajou, então, o Revmo. Peterkin, acompanhado de uma comitiva, para a Missão da Fazenda do Contrato, em Santa Rita do Rio dos Sinos. Cavalgando para aquela localidade, através dos campos, é possível que lhe recordassem os tempos, que, como guerreiro intrépido, marchou por montes e vales da sua pátria, em defesa dos ideais sulistas. Ou memorasse êle outra época mais pacífica e mais santa, em que, nos primórdios do seu episcopado, visitava as paróquias da sua diocese na Virgínia ocidental.

Nessa Missão, que posteriormente se converteu na Igreja do Calvário, o Revmo. Peterkin confirmou 44 candidatos, que representavam a maior classe apresentada nas várias Missões, até aquela data. Nesse ensejo, foi ordenado em diácono o catequista Boaventura Oliveira, que, com sua esposa, viera de São Paulo, na companhia dos dois pioneiros.

Regressou, enfim, o prelado à Pôrto Alegre, onde conferenciou com os ministros sôbre as traduções da Bíblia e do Livro de Oração Comum, e sôbre a melhor traça de desenvolver a divina emprêsa. Durante a sua permanência no Rio Grande do Sul, confirmara 142 pessoas e ordenara 4 moços no diaconato.

Observou as várias congregações de brasileiros, entrementes de pregar sermões em português; e ficou vivamente impressionado pelo ardente interêsse com que todos os escutavam. Admirou-lhe o invulgar conhecimento da Bíblia demonstrado por alguns candidatos ao diaconato. Reparou no canto simultâneo dos hinos, e, enquanto cantava em inglês, sentia que se incorporava espiritualmente aos brasileiros, que cantavam em português.

Voltando à cidade do Rio Grande, viu uma procissão religiosa cujas imagens eram conduzidas em pomposos andores, e cuja hóstia era levada pelos sacerdotes sob um pálio; enquanto tocava uma banda de música, e seguiam muitas crianças vestidas de anjos, com asas nas costas.

Em remate, o Bispo Peterkin, que, em breve espaço, grangeara simpatias sem conta não só

dos seus compatriotas senão também dos brasileiros, com quem tratou, partiu, no dia 2 de Outubro, no pequeno vapor **Norte**, com destino ao Rio de Janeiro. A viagem borrascosa, e a sua cabina inundou-se muitas vêzes dos vagalhões furiosos.

Vencida essa navegação, ao pisar em terra carioca, verificou o fatigado antístite que parte da esquadra se revoltara, sob o comando do Almirante Custódio José de Mello; e bombardeava a cidade. Das janelas do seu hotel observava a todo o instante, o duelo de artilharia entre as baterias de terra e os navios de guerra insurreltos. E notou que o povo subia às eminências, para contemplar curiosamente aquêlo espetáculo inédito.

A bordo do **Trent**, embarcou do Rio para a Inglaterra, que tocou a 10 de Setembro.

Querendo visitar o Arcebispo de Cantuária, em Lambeth, encontrou dificuldade em ser recebido, por não trajar o indumento episcopal do protocolo.

Até o ano de 1898, esteve a Missão brasileira sob a jurisdição do altruista Revmo. Peter-

kin, a cujo pedido foi ela visitada, nesse lapso de cinco anos, pelo Revmo. Isterling, Bispo anglicano das ilhas Falkland, residente em Buenos Aires. Esse prelado impôs as mãos sôbre 159 convertidos, elevando para 301 o número de eclesianos; e ordenou em presbíteros os diáconos Vicente Brande, Américo Vespúcio Cabral e Antônio Machado de Fraga.

O PRIMEIRO BISPO

Incongruência e grande seria a existência de uma Igreja Episcopal sem episcopado. E é o que ocorria com esta nova instituição, que ansiava um Bispo — um homem que enfeixasse suas mãos a autoridade de guia espiritual e de administrador dos seus interesses de vida e crescimento.

Corria o ano de 1898, quando um grupo de amigos da Missão Brasileira nos Estados Unidos, par a par com a Sociedade Missionária da Igreja Americana, aconselharam as congregações da novél organização cristã a eleger um Bispo dentre os seus ministros.

Seguindo êsse aviso, realizou-se uma Convocação (a acepção de reunião dada a êste têrmo derivou de necessidade especial), em Pôrto Alegre. Representavam-se ali as congregações por 4 clérigos e 4 leigos. No primeiro escrutínio saiu eleito unânimemente o Rev. Lucien Lee Kinsolving.

Quando essa notícia chegou à Câmara dos Bispos, que se reunia em Washington, êstes impug-

naram a eleição como irregular e procederam a nova eleição conforme a maneira usual. Aí foi o nome do Rev. Kinsolving novamente consagrado pelo sufrágio unânime da Câmara dos Bispos, que homologou assim o desejo inequívoco das comunidades brasileiras.

O Rev. Dr. Arthur Kinsolving, irmão do Bispo recém-eleito e, por aquêle tempo, pároco da Igreja de Cristo, em Brooklin, recebeu uma carta do Rev. Dr. David H. Greer, em que êste oferecia, para a cerimônia da consagração, a Igreja de São Bartolomeu, em Nova York, da qual era reitor.

Aceita a gentil proposta, no dia da Epifania de 1899, estando presentes 8 Bispos, foi o Rev. Kinsolving consagrado. O sermão alusivo à solenidade esteve a cargo do Revmo. Dr. George Henbert Kinsolving, Bispo de Texas, que tomou por tema o texto da Epístola aos Gálatas 2:8: «Aquêle que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, êsse operou também em mim com eficácia para com os gentios».

Frisou o pregador as duas tendências na empresa missionária representadas por São Pedro e São Paulo. Dos dois, São Paulo era o espírito

intrépido e progressivo, contrastando flagrantemente com a timidez de São Pedro. O apóstolo aos gentios deu-nos um grande exemplo de iniciativa e coragem na empresa missionária e nós cremos que a Missão no Brasil está na tradição paulina.

Indo por diante o orador sacro nas suas nobres palavras, aditou mais ou menos isto: «Muito embora haja sido o Evangelismo ou baixo ritualismo virginiano quem deu o pioneiro Kinsolving para a Igreja Brasileira, quando soou a hora de designar o primeiro Bispo dessa Igreja, foi um alto ritualista que se apressou a apresentar-lhe o nome aceito com entusiasmo pela Câmara em pêso. Tem, assim, o novo prelado o apôio moral e material de todos os matizes litúrgicos da Igreja».

O Bispo Henry C. Potter, de Nova York, terminado o ofício divino, disse ao pregador que o seu sermão de sagração foi um dos mais hábeis e tempestivos, que jamais ouvira.

The Churchman, periódico evangélico vetusto e muito avaro em elogios a quem quer que seja, noticiando a eleição do Rev. Kinsolving, tece as seguintes considerações sôbre a sua personalidade: «É o Bispo eleito vastamente conhecido em nosso país. Homem de grande fôrça de caráter, juízo

bem equilibrado, maravilhoso magnetismo, cavalheiro de fino trato e adaptabilidade, profunda consagração, possuidor de singulares dons oratórios, pregador emérito».

Todos os seus colegas da Igreja-mãe apreciavam imenso a sua presença nas Convenções Gerais, onde a sua palavra era ouvida com acatamento por vir sazoadada de sabedoria e clarividência.

Quando foi da famosa Conferência de Lambeth, em 1910, na Catedral de São Paulo, em Londres, quiçá um dos mais belos e grandiosos templos do mundo, foi convidado para ser o pregador. Supérfluo é dizer que causou a melhor impressão naquela assembléia dos mais eruditos dentre os homens — os Bispos anglicanos.

No domingo seguinte à sua sagração, foi gentilmente posta à disposição do novo antíste, para falar em prol do seu trabalho apostólico, o púlpito da Igreja de São Bartolomeu, talvez a congregação episcopal mais rica dos Estados Unidos. O Revmo. Kinsolving, com a sua natural eloquência pintou nitidamente aos ouvintes as necessidades da obra missionária no Brasil.

À hora de se levantar a coleta, o Revmo. Dr. Greer encaminhou-se para a frente do supe-dâneo e falou à congregação: «Há muitos anos, quando eu era ainda um clérigo muito jovem e recém-ordenado, que percorria a cavalo a estrada entre Kenyon College, no Ohio, e a minha primeira paróquia no oeste de Virgínia, encontrei-me numa noite de sábado, nas ruas de Middleburgo, o venerando pai do moço prelado, que acabais de ouvir esta manhã. Levou-me para a sua casa paroquial e hospedou-me com tanto carinho e generosidade que jamais pude esquecer. Muitos anos se passaram desde então, e eu nunca pude retribuir, de qualquer forma, a bondade cristã daquele ministro amado. Peço-vos, meus irmãos, que o façais por mim hoje. As vossas dádivas destinam-se à Missão Brasileira».

Finda a coleta, somava ela a importância de 15.800 dólares. Admirou a todos aquela oferta tão vultosa. Nenhuma quantia tão grande fôra jamais dada à Causa missionária pela oblação de uma Igreja. Quantos se interessavam pelo trabalho ficaram sumamente animados. A filantrópica ação do Rev. Greer, neste passo, é sempre lembrada com ternura e gratidão imperecíveis.

O SEMINÁRIO

Já várias vêzes, tocamos na desídia da Igreja Católica Romana em nosso país, por aquêles dias. Foi essa mesma desídia que causou o estabelecimento da Igreja Episcopal Brasileira em nosso continente, o que redundou em grande bem para aquela Confissão.

À guisa de comprovantes, hajam vista as duas cidades vizinhas de Rio Grande e Pelotas. Quando o Rev. Morris e o Sr. Brande receberam a pequena congregação presbiteriana generosamente transferida, a primeira tinha 25.000 habitantes, com apenas um sacerdote para assistilos nas suas necessidades espirituais. A segunda, com uma população de 45.000 almas, quando o Rev. Meem e o Sr. Fraga lançaram as bases do seu trabalho, que prosperou sempre, só possuía dois padres, sendo um já velho e enfêrmo. Haja vista a cidade fronteiriça de Jaguarão, ocupada pelo Rev. Vicente Brande, e que tinha, naquela época, 15.000 moradores e um só clérigo. Haja vista, enfim, a cidade ferroviária de Santa Maria,

com cêrca de 20.000 habitantes, que possuíam tão sòmente dois sacerdotes, para lhes ensinar a doutrina, e ministrar-lhes os sacramentos e o cõfôrto da religião. Ali os missionários fundaram uma congregação, que logo floresceu sob a regênciã do Rev. James W. Morris. Puderam observar que os dois padres não exerciam nenhuma influência sôbre o povo, que se conservava em trevas quanto ao plano divino da salvação. Ao remate de algum tempo não só um prelado mas muitos leigos católicos romanos, cultos e ponderados, agradeceram aos missionários terem despertado na Igreja, a que pertenciam, mais interêsse e operosidade em iluminar e salvar as almas.

O povo brasileiro gosta dos serviços divinos levados a efeito em ambiente condigno, com ministros paramentados, e obedecendo a uma liturgia. Os incansáveis servos de Deus reuniam grupos de pessoas em casas particulares, afim de lhes ensinar o uso do Livro de Oração Comum e ensiná-las no cantar dos hinos. Desta arte, tôdas se compenetraram da sua responsabilidade na parte que lhes cabia nos ofícios públicos.

A assistênciã a êsses aumentava mais e mais, tornando-se acanhados os salões em que se realizavam os cultos. A Igreja nascente expandia-se

qual grão de mostarda que germina, brota, cresce e faz-se a maior das hortaliças.

Urgia inclutavelmente resolver o problema de educar um clero nacional que provesse às aspirações de um povo de tanto pendor para uma Igreja católica, apostólica, litúrgica, porém não romana. Até aqui foram ordenados quatro homens, que, desempenhando as funções de catequistas, estudaram muito apressadamente, cada um com o pároco missionário, cujo assessor era. Um preparo tão escasso, todavia, não se coadunava com o espírito da Igreja Episcopal Brasileira, que se extremava pela erudição de seus levitas.

O Rev. Dr. William Cabell Brown foi o maior educador que ainda conhecemos. Quando já Bispo do Estado de Virgínia, em 1923, manifestou o seu pensamento sôbre esta matéria, nas seguintes palavras estampadas no **Church at Work**: «Depois de ter estado no Brasil vinte e quatro anos, cheguei à conclusão de que é absolutamente impossível para a mente anglo-saxônica conhecer a fundo a mentalidade latina, dentro de uma geração. Daí, o se nos tornar claro a absoluta necessidade de aparelharmos, com instrução apropriada, um ministério nacional. Foi meu privilégio educar todos os dezesseis ministros em trabalho

ativo no Brasil. Temos um ministério proficientemente educado».

Afinal, a 13 de Junho de 1903, à justa, 13 anos após ter sido estabelecida a Igreja Episcopal Brasileira, concretizou-se a sua alta pretensão. Com a celebração da Sagrada Eucaristia, na Igreja do Salvador, na cidade do Rio Grande, inaugurou-se o Seminário Teológico, tendo, anexo um Curso de Preparatórios. O seu corpo discente compunha-se de oito rapazes de boas famílias, começando quatro os estudos teológicos e quatro os preparatórios.

O seu primeiro reitor foi o Rev. Dr. William Cabell Brown, que regeu as cátedras de teologia, grego, hebraico e latim. Os demais docentes foram os Revs. John Gaw Meem, que lecionou matemática, ciências e História Eclesiástica; Rev. George Wallace Ribble, que lecionou inglês e filosofia; e o Sr. Mario de Artagão, notável poeta e literato, que dirigiu as aulas de português. Posteriormente, com enfermidade do Rev. Ribble, que o obrigou a retirar-se para os Estados Unidos, o Revmo. Dr. Kinsolving prelecionou várias matérias, tanto do curso teológico como do preparatório.

No ano de 1906, substituiu ao Rev. Dr. Brown na reitoria do Seminário o não menos pro-

vecto Rev. Dr. Meem, pároco da Igreja do Redentor na vizinha cidade de Pelotas.

Assim, nessa Escola de Profetas, possuidora de mestres abalisados, prepararam-se, na devida forma, intelectualmente um regular número de ministros brasileiros, que não envergonhariam nem a Igreja nacional incipiente nem mesmo as tradições da Igreja-mãe.

Em 1910, o Revmo. Dr. Lucien Lee Kinsolving determinou fechar temporariamente o Seminário Teológico, mirando a «limitar o número do clero nacional à capacidade e espontaneidade da Igreja de lhes ministrar, em parte, o sustento, após terminado os estudos no Seminário e sua ordenação».

Essa atitude corajosa do prelado teve como consequência um grande avanço da Igreja no sentido do sustento próprio. Algumas das congregações maiores proclamaram a sua independência financeira.

Decorridos dez anos, foi possível reabrir a Faculdade de Teologia, sob a direção do venerando Rev. Dr. Morris que, por motivo de fôrça maior, fôra obrigado a ausentar-se longo espaço

do nosso país. E, desde então, tem sempre funcionado eficientemente êsse viveiro de pregadores, produzindo alguns ministros que se salientaram sob vários aspectos. Dêsse número, três, já atingiram o episcopado: os Revmos. Drs. Athalicio Pithan, Egmont Machado Krischke e Plínio Lauer Simões.

ALARGA O LUGAR DA TUA TENDA

Em Nova York formou-se uma forte corrente favorável à idéia de transferir o trabalho do Brasil, da Sociedade Missionária da Igreja Americana para a Junta de Missões. Era amável secretário daquela Junta o Rev. Arthur S. Lloyd, muito amigo do Rev. Arthur B. Kinsolving e de outros membros da Diretoria da S.M.I.A., quando se iniciaram as negociações com aquêle objetivo. A Sociedade auxiliar deu de seus fundos para a Junta das Missões uma alta quantia, de volta com a sua boa vontade. Esse arranjo efetuou-se em 1º de Janeiro de 1905. O Revmo. Dr. Kinsolving, que fôra consagrado Bispo da Igreja Episcopal Brasileira, demitiu-se do cargo; a Convenção Geral criou um distrito missionário no Brasil Meridional, e designou o mesmo Revmo. Kinsolving como seu primeiro Bispo.

Soou a hora de ocupar Rio de Janeiro, que a êsse tempo já contava para cima de um milhão de habitantes. Era obedecer à voz milenária do vidente evangélico: «Alarga o lugar da tua tenda,

e as cortinas das tuas habitações se estendam; não o impeças, alonga as tuas cordas, e fixa bem as tuas estacas». Isaías 54:2.

Havia no Rio, sob a jurisdição do Bispo das Ilhas Falkland, um capelão da Igreja Anglicana, que só ministrava em inglês para gente de fala inglesa.

Em 31 de Maio de 1908, 20 anos depois de se fixar no Rio Grande do Sul, realizou a Igreja Episcopal o seu primeiro ofício divino em vernáculo, na Capital da República. Celebrou-o o Rev. Dr. Brown, no templo anglicano, que foi, por gentileza da sua congregação, emprestado para êsse fim. Demorava aquela Casa de Oração no centro da cidade, em frente do Teatro Municipal. Foi demolida mais tarde e reedificado no formoso bairro de Botafogo.

O Dr. Brown instalou no ano seguinte a Capela do Redentor, à rua Haddock Lobo, 45, onde se efetuaram cultos divinos regulares, com a pregação do Evangelho.

Não admira, pois, a alegria do Bispo Kinsolving, quando lendo o seu relatório anual na reunião do concílio, declarou: «Um terceiro desejo

meu consumado é o de haver a Igreja desdobrado a sua bandeira na Capital da República».

Por vários anos regeu o Dr. Brown a paróquia do Redentor, coadjuvado pelos Revs. Carlos Sergel e Miguel Barcellos da Cunha. Nessa época, estava aquêlé missionário atarefado também com a presidência da Comissão Tradutora da Bíblia, que fêz a **Versão-Brasileira**.

Num curto lapso, o Rev. Sergel foi abrir uma Missão vitoriosa no arrabalde do Meyer, ficando como auxiliar do Dr. Brown sòmente o Rev. Barcellos da Cunha. Era êste um jovem dotado de talento oratório incomum. Semelhava uma cachoeira da palavra. Dentro em pouco tornou-se um pregador famoso na vasta metrópole; e as várias denominações evangélicas, à porfia, ofereciam-lhe os púlpitos de onde a sua palavra eloqüente e ungida de fé chegava aos corações do povo. Morreu moço. A Capela do Redentor teve diversos párocos de elevada capacidade e eficiência tais como o Rev. Dr. Meem; o Rev. Arnaldo Bohrer; o Rev. Carlos Sergel; o Rev. Alberto Roberts; e o Rev. Nemésio de Almeida, que conquistou renome de pregador insigne.

Nêsse decurso de tempo, o Revmo. Bispo afirmou: «Há progresso manifesto, não tanto em

novas adesões à nossa causa, porém na influência espiritual que vão adquirindo os nossos representantes na Capital Federal».

A Missão da Trindade, no arrabalde de Meyer, fundada pelo Rev. Sergel, que sobressaiu pela sua operosidade e fé viva, desenvolveu-se e tornou-se uma paróquia respeitável na Cidade Maravilhosa.

Como não é nosso fito escrever a história da Igreja Episcopal Brasileira, o que já foi feito magistralmente pelo Rev. George Upton Krischke, cingimo-nos a mencionar só estas duas congregações principais, passando por alto muitos outros trabalhos estabelecidos nesta mesma cidade e que floriram sob a ação de seus devotados líderes.

As vistas dos próceres da Igreja voltam-se agora para o rico e progressista Estado de São Paulo. E quem fixou as primeiras estacas da tenda de Deus na segunda pátria do café foi o Rev. J. Orton, Ministro presbiteriano mas de avengos anglicanos, pede o Rev. Orton entrada no ministério da Igreja Episcopal. Ordenado em 1921, funda em Santos a primeira congregação episcopaliana, que medrou e fêz-se uma grande assembléia, tendo a Igreja de São Marcos como seu lugar de oração.

De volta do ano 1924, o Revmo. Bispo Kinsolving designou o Rev. George Upton Krischke para ocupar a capital do grande Estado Bandeirante. Aluga êste um espaçoso salão, à rua Marquês de Itú, e assenta ali a Capela do Salvador. Com grande solenidade, inauguram-se os cultos e pregações do Evangelho. A semente, lançada pelo Rev. Krischke e regada por seus esforçados sucessores, caiu em boa terra, do que dá testemunho os numerosos fiéis e o magnífico templo que torreia na Praça Olavo Bilac.

Os guerreiros da paz invadiram, outrossim, o Estado de Santa Catarina, tanto o interior como o litoral. Eclesianos de sangue germânico, que habitavam a Colônia Santa Helena, no município de Pelotas e tinham por guia espiritual o Rev. Henrique Zschornack, achando que suas terras eram exíguas e compensavam pobremente o suor que sôbre elas derramavam, resolveram buscar outras plagas. Descobrindo que na zona litigiosa e conturbada do Contestado havia glebas pingnes e baratíssimas, compraram quantas puderam e para lá se partiram com suas famílias, levando consigo o amado pastor de suas almas, o velho Rev. Zschornack. Instalaram-se em Rio do Peixe, onde se ergueu a Capela de Agnus Dei, fanal que derramou a luz divina naquelas paragens longín-

quas. Alguns anos após, substituiu ao Rev. Zschornack, já muito idoso, o Rev. Alberto Blank, que, ao mesmo passo, catequisava um aldeamento de índios Ventara, a quem muito ajudou espiritual e materialmente.

Em Praia Grande, próximo do litoral, no mesmo Estado, o Venerável Arcebispo Américo Vespúcio Cabral, assistido do dedicado leigo capitão Francisco Batista dos Santos, vindo por outros caminhos, fundou uma Missão que muito tem prosperado, já sob a sua gestão já sob a de seu filho Rev. Dr. Gamaliel Cabral.

É vultosa a colônia Japonêsa no Estado de São Paulo, contando mais de cem mil pessoas. Julgava o Bispo Kinsolving os seus métodos de rusticar superiores aos dos italianos e alemães. Têm êsses colonos os seus próprios médicos e escolas, e guardam os títulos de suas propriedades. Extenderam valiosas plantações, provocando, pelos seus adiantados conhecimentos agronômicos, as suas terras a produzirem, mais abundantemente, café, algodão, milho, arroz, trigo, etc. Disse-nos um fazendeiro nipônico que a sua gleba era relativamente pequena e continha apenas um têrço do cafezal que encerravam as fazendas dos seus vizinhos brasileiros. Apesar disso, colhia tanto como

os outros, tão só por empregar os métodos usados na sua pátria.

Uma feita, viajava num navio mercante, como aprendiz de marinheiro, um moço japonês de nome João Yasogi Ito. Desencadeia-se uma tempestade furiosa e o navio ameaça sossobrar. É duro morrer em plena mocidade, qual é difícil arrancar do seu galho nativo uma fruta ainda verde. No auge da aflicção, Ito ora «ao Deus desconhecido», prometendo-lhe, se fôsse salvo, servi-lo todos os dias de sua vida. O barco foi a pique, escapando do naufrágio sòmente Ito e o seu capitão.

Procura, desde aí, o jovem nipônico conhecer «o Deus desconhecido». Consegue-o por intermédio de uma das escolas que a Igreja Episcopal abreira no Japão. Converte-se, batiza-se, estuda Teologia e resolve consagrar-se à pregação do Evangelho aos seus compatriotas, que colonizaram terras do Brasil. Vem para cá em 1923, trazendo credenciais do Bispo de Tóquio; e encontra o Revmo. Dr. Kinsolving, que o faz catequista entre os de sua raça.

Muito embora franzino o Reverendo, depois Venerável Arcediago Ito, é de uma resistência fí-

sica extraordinária; e trabalha sem descanso. Sabe escolher, com perfeito tino, os moços inteligentes do seu povo, capazes de desempenhar as funções ministeriais. Depois de passarem êsses pelo Colégio Cruzeiro do Sul e pelo Seminário Teológico e de receberem as sagradas ordens, tornam-se coadjutores do seu fervoroso mestre e guia espiritual. Desta arte, o Venerável Arcediago já conseguiu, com os seus auxiliares estabelecer cêrca de vinte paróquias com dois mil comungantes, que contribuem para a Causa anualmente com uma soma superior a duzentos mil cruzeiros. Mantém essa Missão o periódico, **O Missionário**, de quatro páginas, três impressas em Japonês e uma em vernáculo. E espera-se que chegue o dia em que todo o jornal se estampará na língua do país.

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO

Homem de largo descortino, o Bispo Kinsolving contemplou logo a questão de educar a mocidade da Igreja. Quando ainda recém-chegado a Pôrto Alegre, em 1891, fundou com o Rev. Morris a Escola Americana, a que se uniu a pequena Escola Mista do Sr. Vicente Brande. O trabalho febril, porém, de pregação dos dois missionários não lhes dava ensanchas para o ensino. A Escola Americana teve vida efêmera, porque, no dizer do Dr. Arthur Gray, a Igreja Episcopal Brasileira venceu por «haver sido evangelizante, desde o princípio, a política da sua missão», e não por lançar mão de instituições.

Outras tentativas se fizeram, e muito embora êsses pequenos colégios houvessem prestado bons serviços, tiveram curta duração.

Em 1909, cada vez mais preocupado com o magno problema de instrução, escreveu o Dr. Kinsolving: «O que se precisa é um Internato para meninos e outro para meninas, onde possam ser

segregados, durante o período de formação, das influências maléficas que cercam os jovens aqui. Onde possam sentir a influência cotidiana de personalidades consagradas e saturar-se da cultura e da elevação moral da Igreja. E de onde seriam depois, mandados de volta aos seus lares e suas congregações, embuidos da lealdade aos princípios cristãos e inteiramente governados por êsses princípios. Isso os moços e as moças jamais poderão alcançar, se fôrem lançados no turbilhão da vida com apenas um verniz de educação. Mas essa méta foi atingida no caso do nosso clero nativo. A Igreja deve devotar-se agora à emprêsa de preparar os mais proeminentes de seus filhos e de suas filhas e convertê-los em leigos e eclesianos inteligentes e fortes».

Indo ao encontro do insopitável anelo do Bispo Kinsolving, apresenta-se o Rev. Thomas, cavaleiro da nova cruzada de libertar a mocidade episcopaliana do poder da hidra da ignorância. E era, de fato, o homem tachado para essa tarefa ingente. Graduado pela Universidade e pelo Seminário Teológico de Virgínia, aliava à grande cultura um espírito eminentemente prático e uma capacidade administrativa, como poucos.

Tendo já tirocínio do magistério, como professor do Seminário Teológico na cidade do Rio

Grande, funda em 1912, em Pôrto Alegre, o Colégio Cruzeiro do Sul, para meninos. Esse educandário teve desde o seu início uma procura enorme. O seu diretor e o Dr. Kinsolving lutaram contra a tentação de matricular um número muito avultado de alunos, à custa dos ideais da escola. Pois acreditavam que, se cedessem a essa ambição, os rapazes da Igreja se afundariam no charco da mundanalidade. Ao princípio, só aceitavam um grupo limitado de filhos de famílias que não pertenciam ao seu credo. Algum tempo após, construiu-se magnífico edifício no aprazível bairro de Teresópolis, onde passou a funcionar o colégio, recebendo também alunos internos. A êste acrescentou-se outros pavilhões, levando um dêles o nome de Edifício Kinsolving.

Hoje conta essa instituição mais de mil estudantes e um corpo docente muito idôneo, havendo-se feito um dos melhores estabelecimentos de ensino do Brasil.

Vinte anos depois, em 1932, é aberto na cidade de Pelotas, sob a direção de D. Hedy Sergel, M.A., o Colégio Santa Margarida, destinado à educação de meninas da Igreja.

Como sucedeu com o Colégio Cruzeiro do Sul, suas matrículas também, tiveram elevado nú-

mero de candidatos. Pelos mesmos motivos, sua inscrição de alunas foi limitada. Atualmente, orçam elas por quinhentos, tendo professôras bem preparadas e eficientes. Já possui o Santa Margarida um belo e majestoso edifício, localizado em ponto pitoresco e saudável de Pelotas.

Ambos os institutos de ensino dizem eloqüentemente de seus fundadores já mencionados, e dos seus sucessores, respectivamente, Dr. Paulo K. Appel e Srta. Cândida Leão, esta sucedida hoje pela Sra. Gladys Rhein.

A PERDA DE PALADINOS

Pondo os pés sôbre o solo brasileiro, os missionários sentiram imediatamente a carência inadiável do Livro de Oração Comum, que pertence ao rito da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos, como também, à sua mãe espiritual, a Igreja Anglicana. É êsse livro a primeira obra literária em língua inglêsa, depois da Bíblia.

Existia uma velha tradução em português feita pelo Rev. Ricardo Holden, missionário americano que, em tempos idos, tentou, mas sem muito sucesso, a evangelização do norte do Brasil. Essa versão, porém, não preenchia as suas finalidades, e dela não restavam senão dois exemplares, conseguidos num «sebo» de Lisboa.

Era mistér verter outra vez o Livro de Oração Comum em vernáculo, tomando como subsídio o trabalho paciente realizado pelo Rev. Holden. O Rev. Dr. William Cabell Brown foi o principal tradutor, com a valiosa colaboração dos Revs. Américo Vespúcio Cabral e John Gaw Meem.

Essa obra foi impressa nos Estados Unidos, no ano de 1898, sob o cuidado do Rev. Dr. Brown e distribuída profusamente no Brasil, com grande edificação da família episcopaliana.

A versão brasileira da Bíblia foi outra obra de largo fôlego em que o Dr. Brown teve papel saliente. Antes eram lidas só as traduções da Vulgata Latina executadas pelos Padres João Ferreira de Almeida e Antônio Pereira de Figueiredo. Não há negar, essas transladações eram guias espirituais de valor para os crentes, porém eivadas de êrros. A Versão Brasileira, baseada nos originais hebraico e grego, é muito mais fiel e exata e uma luz mais segura para os pés dos caminheiros para a nova Jerusalém.

O «Estandarte Cristão», periódico da Igreja, teve por muitos anos como redator o Rev. Dr. Brown auxiliado exuberantemente pelo devotado leigo Sr. Frederico Guilherme Schmidt.

Esse professor, que regeu o primeiro Seminário Teológico; êsse filólogo, precípua fazedor da Versão Brasileira da Bíblia; êsse jornalista e pregador emérito foi o destro auxiliar que o Dr. Kinsolving perdeu. Por três vêzes eleito Bispo de seu Estado natal, Virgínia, o Rev. Dr. Brown não

pôde recusar o terceiro sufrágio efetuado em 1914. Partiu para a sua pátria, deixando na Igreja, que serviu com tanto amor e eficiência, um vácuo muito sensível. O Dr. Kinsolving, que tinha nêle valoroso e leal companheiro de lutas, sentiu imenso a sua ausência. Outro acontecimento que feriu fundo o coração do prelado, nesse mesmo ano, foi o transpasse do Rev. Miguel Barcellos da Cunha, bondade e talento unidos e personificados, a quem êle muito estimava. O Bispo, porém, não esmoreceu. A sua divisa, sob tôdas as vicissitudes, era sempre: Avante!

O Dr. Morris, há pouco falecido, seu companheiro e amigo na fundação da Igreja Episcopal Brasileira, falando sôbre a personalidade do Dr. Kinsolving, assim se expressou: «O Lucien é líder natural entre os brasileiros. O seu entusiasmo contagiante, o seu espírito generoso, a sua habilidade em falar com eloqüência e vivacidade numa língua estranha cheia de sutilezas e idiotismos, a par da sua presença dominadora, faz o povo do Brasil sentar-se, para escutá-lo. O velho governador do Rio Grande do Sul sempre gostou de receber as suas visitas e dava-lhe passes livres nas Estradas de Ferro do Estado.

Se o Lucien, sob a tensão do discurso, não podia lembrar-se de alguma palavra; não hesita-

va em tropejar um vocábulo inglês latinizado, que explodia que nem bomba atômica. Os brasileiros amavam-no e alegravam-se da sua companhia e da sua palavra».

AS SOCIEDADES DA IGREJA

Por sugestão de D. Alice B. Kinsolving, fundou-se em 1898, na cidade do Rio Grande, de cuja congregação era pároco seu espôso, Rev. Dr. Kinsolving, a **Sociedade Auxiliadora de Senhoras**, pelos moldes e com as finalidades de suas semelhantes, da Igreja-mãe. Inenarrável tem sido a ajuda prestada à Causa de Cristo por êsses grêmios, que posteriormente se federaram. Já em 1946, o número de suas sócias montavam a 1.800, e a sua contribuição pecuniária atingiu a soma de Cr\$ 200.000,00, afora a sua cooperação moral e espiritual.

Outras associações femininas nasceram tais como as **Dorcas** e as **Lídias**, que tinham em mira intensificar o espírito cristão e fraternal entre as senhoras episcopalianas. As **Martinas**, criada na cidade do Rio Grande, em 1903, composta de mocinhas, cujo desiderato era o mesmo da **Sociedade Auxiliadora de Senhoras**.

Com idêntico objetivo formaram-se em tôdas as paróquias organizações de donzelas cristãs com o nome de **Auxiliadora Júnior**.

Muitas corporações de homens surgiram também, com as denominações de **Legião da Cruz**, em Pôrto Alegre, Rio Grande e Santa Rita do Rio dos Sinos; **Milícia Cristã**, em Pelotas; e **Santo André**, em Santa Maria. Sob vários nomes existem êsses grêmios de moços, cuja meta é ajudar a Igreja, por tôdas as formas ao seu alcance. E aos esforços dessas sociedades, masculinas e femininas, muito devem as paróquias que conquistaram a sua independência financeira.

O BISPO SUFRAGÃNEO

Mais um óbito ocorreu que amargurou pungentemente a alma do Dr. Kinsolving. Foi o passamento inesperado do Dr. John Gaw Meem, ocorrido no Hospital dos Estrangeiros, do Rio de Janeiro, após uma operação cirúrgica a que se submetera.

Por dilatados anos, prestara inestimáveis serviços na evangelização e educação da gente, brasileira. Aos seus paroquianos, a quem tratava como filhos espirituais, dava-lhes, o exemplo de uma vida perfeita, segundo os preceitos do Evangelho; dispensava-lhes, os seus sábios conselhos; confortava-os; ajudava-os; agia para com êles com justiça, pureza, amor e bondade; fazia tudo o que contribuisse para a salvação e edificação de suas almas.

Havendo-se casado com uma jovem brasileira, D. Elsa Krischke Meem, e aqui rendido o seu nobre espírito; dorme agora o eminente cientista e devotado pregador o seu sono final, no Cemitério de São Francisco Xavier, naquela metrópole.

Alma de artista da palavra, o Revmo. Dr. Kinsolving, não obstante a sua compleição atlética, não podia fugir à viva sensibilidade, peculiar aos que bebem as águas de Castália. Esse atributo, exacerbado pelos afazeres sem conta; pelas responsabilidades pesadas; pelas viagens contínuas, incômodas e sempre repetidas; pela separação de companheiros e amigos, como no caso do Dr. Brown, Miguel Barcellos e Dr. Meen; pelas contrariedades, percalços e espinhos, sócios inseparáveis do episcopado, havia de taxar gravemente o seu coração.

Recorda-nos ouvir-lhe dizer, mais de uma vez aos seus ministros: «Trago-vos a todos dentro do meu coração. E não só a vós, mas também aos vossos ministérios, às vossas famílias, aos vossos problemas. Tudo pesa aqui». E oprimia o peito.

Bem poderia êle louvar-se nas palavras do Apóstolo aos gentios: «Além das coisas exteriores, me sobrevém, cada dia, o cuidado de tôdas as igrejas. Quem enfraquece, que eu também não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me abraze?»

Pelo correr do ano de 1925, o Dr. Kinsolving sente tomá-lo grande fadiga, e pede um coadju-

tor. Atende-o a Câmara dos Bispos elege o fundador e consolidador do Colégio Cruzeiro do Sul, Rev. William M. M. Thomas, Bispo Sufragâneo da Igreja Episcopal Brasileira.

A sua sagração verificou-se a 28 de Dezembro de 1925, na Igreja de São Paulo, em Baltimore, cujo reitor era o Rev. Dr. Arthur B. Kinsolving. Sagrou-o o Revmo. Bispo Talbot, acolitado por mais sete antistes, entre os quais figuram os Revmos. Kinsolving e Brown que foi o pregador oficial.

Senhor de outros dons, diferentes dos que possuía o Bispo Kinsolving, o Revmo. Thomas, então doutorado pelo Seminário de Virgínia, foi um valioso coadjutor daquêle.

E, mais tarde, assumindo a direção da diocese, soube guiá-la em sua marcha avante, com muito zêlo e sabedoria, correspondendo plenamente à confiança que seu antecessor e a Câmara dos Bispos nêle depositaram.

Por volta daquela sagração, o Dr. Kinsolving, referiu-se do seguinte modo ao lisongeiro progresso, que fêz a Missão Brasileira, caminho do sustento próprio: «Mais de um Bispo velho e prudente disseram, ao partirmos para o Brasil o Morris e eu: «É uma experiência interessantíssima

e, contudo, muito duvidosa a que estão fazendo aquêles moços. A nossa Confissão ainda não fundou num país latino uma congregação que se sustentasse a si mesma». E o editor de um jornal da Igreja endereçou uma carta circular a todos os Bispos missionários, declarando que não pôde achar, em nenhum campo estrangeiro, uma só congregação independente, que se mantenha de todo em todo às suas próprias expensas. Mas agora disse-o e proclamai-o: o nosso ramo da Santa Igreja Católica está plantada no solo fértil do Brasil; mercê de Deus, para nunca mais ser desarraigado».

Iniciando o Revmo. Dr. Thomas o desempenho das funções de Bispo Sufragâneo, tomou a direção do Colégio Cruzeiro do Sul o Rev. Ernesto Arnaldo Bohrer, havendo-se magnificamente nêsse posto, durante dez anos, até a data em que Deus o chamou à sua presença. Substituiu-o o Rev. Orlando Batista, diplomado do Cruzeiro do Sul, que seguiu as pegadas do Rev. Bohrer, na boa administração do educandário.

O HOMEM

Até êste momento, temos falado do Dr. Kinsolving como apóstolo e pastor de almas. Queremos contemplá-lo um pouco também sob o seu aspecto humano.

Era êle de temperamento sanguíneo e possuía as qualidades inerentes a essa constituição, predominando a alegria, que sua profunda crença religiosa requintava. Estatura elevada; apropriando-nos de uma expressão do Padre André de Barros, «como se até no corporal quisesse formar a natureza mais que ordinária habitação àquele grande espírito». Robustez e saúde invejáveis. A alacridade comunicava-se a quantos o rodeavam, de tal maneira que ninguém podia estar triste na sua presença. Dizia Lutero que os momentos de tristeza são as oportunidades do diabo. Se assim é, o velho Satanaz não teve muitos azos a se chegar ao Dr. Kinsolving. Realmente, poucos como êste realizaram a legenda latina, «Mens sana in corpore sano».

Nos seus dias de estudantes praticou muitos esportes, parecendo-nos que, de preferência o de Leandro.

Certa feita, enquanto passava, com sua família, a estação balneária no Cassino, próximo da cidade de Rio Grande, uma senhora, espôsa de um político gaúcho, afoitou-se tanto mar a dentro que perdeu pé e, arrastada pela vazante, se ia afogando. O Dr. Kinsolving lançou-se ao mar e salvou-a a nado, conquistando a gratidão e a amizade de tôda aquela família.

Um seminarista, já casado com uma jovem inglêsa, teve de mandá-la, conforme prometera, à casa de seus pais em Londres, afim de ela dar à luz o seu primogênito. Nesse intervalo, o futuro pregador enfermou e sentiu-se muito deprimido. Caminhando uma noite, pelas ruas do Rio Grande, passo a passo com o seu chefe espiritual, e derramando-lhe tôdas as suas amarguras, o Bispo apontou para o «cofre real de pérolas coalhado», e falou: «Meu amigo, lembra-te que aquê-
le que pôs as estrêlas no céu é teu Pai e cuida de ti. Não tens razão para te acabrunhares dêsse jeito». Contou, tempos depois, o moço estudante que aquelas palavras proferidas com fé simples lhe debalaram mais os males do corpo e do espírito que tôdas as drogas, que até então ingerira.

Morava o Dr. Kinsolving em Rio Grande, quando foi da revolta da esquadra sob o comando do Almirante Custódio José Mello, que bombardeou a cidade. As fôrças do Govêrno reagiram e as belonaves fizeram-se ao largo, sem lograr o seu intento.

Bastas vêzes, em arroubos de eloqüência, referiu-se o prelado a essa aventura, exclamando do púlpito, com voz tonitruante: «Eu amo e venero a bandeira auriverde! Foi êsse pendão abençoado que tremulou nos ares, em defesa minha e de minha família, contra as balas de Custódio de Mello!»

Quando faleceu o Rev. Miguel Barcellos da Cunha, chamado na família e entre os amigos de Miguelito, o Bispo, na reunião do Concílio, prestou à sua memória uma homenagem tão tocante, tão unvida de afeição e de saudade que poucos olhos puderam conservar-se enxutos.

Certa ocasião, durante o seu episcopado, recebeu a proposta de deixar o seu posto e ir reger a Igreja Episcopal Americana, em Paris. Recusou-a, sem hesitar. Palestrando, depois, com um dos seus ministros, assim se referiu ao caso: «Foi um convite realmente tentador, confesso. Mas como poderia eu aceitá-lo? Quando Deus me chamasse

à sua presença e me perguntasse: Que é do rebanho que te dei para pastorear lá nos pampas do Brasil? — que resposta teria eu para dar ao meu Senhor?»

O espírito cristão é o mesmo em tôda parte do mundo, em todos os povos e em tôdas as raças. O mesmo espírito que transparecia na ternura infinita de São Francisco de Assis. Na caridade sem limites de Dom Bartolomeu dos Mártires, o Arcebispo santo de Portugal, tão bem descrito pela pena vigorosa de Frei Luiz de Souza. Na abnegação do Bispo Kinsolving, que preferiu ficar junto ao seu rebanho amado a gosar a supercivilização da Cidade Luz.

Não queria o antíste nunca perder um amigo. Ora, já afirmou alguém e é muito verdade, que concórdia perfeita só existe entre os mortos. Assim foi que, embora esforçando-se sempre por harmonizar tudo, o Dr. Kinsolving entrou em desinteligência com um dos seus ministros mais queridos. Aclarou-se tudo, depois, e os espíritos conciliaram-se. Isso deu-se no apagar das luzes do seu episcopado. Já doente nos Estados Unidos, de onde nunca mais havia de voltar, escreveu uma carta muito carinhosa àquele presbítero, evitando com muita habilidade tocar no fato desagradável, porém memorando o dilatado tempo

que se conheceram e trabalharam juntos em união e amor fraternal.

Era de ver a afeição que consagrava dos seus ministros, a maior parte dos quais conhecera crianças, alunos das escolas dominicais e vira crescer em estatura física, mental e espiritual.

O Bispo, em seus sermões, gostava de pôr em paralelos os caracteres do Apóstolo Pedro e do Rei Davi. E nós pensávamos que o próprio orador se parecia em muitos pontos com o filho de Jessé. Ambos foram poetas, ambos admiradores do belo sob tôdas as suas formas, ambos adoradores acrisoladamente sinceros do Eterno.

Quanta vez parava extasiado o príncipe da Igreja longo tempo a escutar um passarinho, que cantava nas frondes de uma árvore. Num dos seus discursos, abriu-se assim: «Certo tempo, senti nostalgia e desalento. Saí a caminhar a esmo e penetrei numa floresta. À sua sombra, ouvi cantar o sabiá brasileiro. As vozes do salmista de Deus caíram na minha alma como bálsamo. Voltei para casa confortado e resolvido, mais que nunca, a permanecer no Brasil e lutar pela causa de Jesus Cristo».

Como Davi, êle amava contemplar as estrêlas e conversá-las sôbre o poder e a sabedoria do Criador.

Deleitava-se também com as flôres. Conver-
teu o adro da Igreja do Salvador, no Rio Grande,
num jardim formoso, onde os fiéis, após dos ser-
viços divinos, se inebriavam com as fragrâncias
das rosas, dos cravos, dos jasmims e pasciam os
olhos enlevados nas suas hastes verdejantes e nas
suas corolas de vivo colorido.

Ciframo-nos em contar ràpidamente um pu-
gilo de fatos que, à feição da palha indicando
a direção do vento, revelam algumas facetas do
caráter do prelado ilustre.

Mas hemos chegados a um ponto que acre-
ditamos não podemos fazer nada melhor do que
traduzir a comovida narrativa do têrmo da vida do
grande missionário, escrita por seu irmão, Rev.
Arthur B. Kinsolving.

«CREPÚSCULO E SINO DA TARDE»

Quando se soube impossível a volta do Bispo Kinsolving ao seu amado trabalho no Brasil, apenas um número muito limitado de pessoas tinha notícia de que êle sofrera um insulto de **angina pectoris**. E não admira que até o seu corpo extraordinariamente vigoroso sucumbisse à tensão das viagens e labôres no campo missionário, com a sobrecarga em suas fôrças, quando em férias na pátria. O Bispo viajava no Brasil largas distâncias; até uma pequena extensão, por estrada de ferro e diligência; principalmente a cavalo; e algumas vezes, a pé. Relatou ao autor algumas dessas jornadas hípicas. Com seu alforge, maleta das vestes e poncho brasileiro, para abrigá-lo das intempéries, galopava pela estrada e parava à beira de uma lagôa. Ali apeava; racionava o cavalo; amarrava-o, para passar a noite, e deitava-se sob as estrêlas, cobrindo-se com o poncho.

De madrugada, ia até a lagôa, despia-se, lançava-se à água para um nado matinal, friccionalava o corpo, vestia-se e cavalgava em demanda

de uma casa que lhe provesse o desjejum. Dirigia-se, então, ao lugar designado para a alegria de encontrar uma congregação rural ou de uma vila.

Depois vinham as visitas às cidades maiores e todos os problemas de administrações e disciplina, sendo os últimos um ônus não pequeno para a sua mente e o seu coração. Seguiam-se visitas às alçadas dos arcediagos e outras reuniões.

Quando chegava a ocasião de ir à pátria, longe sete mil milhas, era só durante a viagem marítima que podia repousar. Pondo o pé em terra dos Estados Unidos encontrava numerosas ordens, que eram endereçadas pela Câmara das Missões da Igreja, com o fito de despertar interesse em tôda a Causa missionária da nossa Igreja e obter o sustento para ela. Como Lucien mesmo exprimiu: «Eu tinha de zigueaguear, principalmente à noite, em carros Pullman, de uma grande cidade para outra, até haver percorrido o itinerário prescrito».

Considerando-se as emoções e o dispêndio de energias nesse patrocínio das Missões, e mòmmente os discursos missionários que êle era convidado a fazer perante a Convenção Geral, não se estranha que o seu grande coração se tivesse quebrantado aos sessenta e oito anos.

O Bispo e a senhora Kinsolving retiraram-se para Forest Hills, em Long Island, a poucas milhas da cidade de Nova York, para passar o último período da vida do primeiro. Aqui, a mulher que, na mocidade, lhe havia dado o coração e o havia acompanhado contente a topar as privações de um campo missionário apartado; a mulher que participara de muita de suas amarguras e triunfos, cuidou dê-lo até o fim. Lucien sempre compreendeu que, pelo desvêlo e o amor, ela o ajudou a desenvolver as suas mais nobres qualidades.

Morando em Baltimore, eu, de tempos a tempos, rogava que me marcassem um dia conveniente para visitá-lo. Sua espôsa, sabendo quanto representava para nós, os únicos irmãos do mesmo pai e da mesma mãe, o estarmos juntos, faria uma digressão à Nova York, afim de que pudéssemos ficar sós algumas horas. Não olvidarei jamais o prazer daqueles momentos preciosos, em que nos transportamos ao pretérito de nossas vidas, tão entrelaçadas e, contudo, tão diversas em experiências. O interêsse humano e afável de Lucien; a ância de saber mais dos homens e dos movimentos da Igreja; as indagações sôbre velhos amigos, colegas de escola e de Universidade, só eram igualadas pelo interêsse que aquêles manifestavam em Lucien. Jamais conheci um homem

tão cordialmente amado e cujas longas ausências da vista e do convívio fizessem tão pequena diferença.

Devido à sua enfermidade do coração, êle não podia dar nem um breve passeio sòzinho, receioso de cair à beira da estrada e jazer lá, até que passasse alguém que o erguesse. Porém, com donosa alegria e com um sorriso, expirou afinal aquêle que fôra tão destro e tal como um gigante desejoso de correr a sua carreira.

A 18 de Dezembro de 1929, em Forest Hills, passou dos trabalhos da terra à presença d'Aquêle a quem serviu com tão jubiloso sacrifício. O seu hino, tanto, no fim como no comêço, foi, «Regosijai-vos sempre no Senhor, e outra vez vos digo, regosijai-vos».

Na linguagem de John Milton, num dos seus mais nobres poemas: «Deus deu-lhe o beijo individual da imortalidade».

Realizou-se um breve ofício na igreja de Forest Hills; e o corpo do Bispo foi trasladado para Alexandria, em Virgínia, para ser sepultado, a seu pedido, no Cemitério do Seminário Teológico, ao lado das cinzas do Bispo Payne e de outros pioneiros das nossas missões na África, China e Japão. Foi neste lugar que êle lutou em

oração até o raiar da alva, em que decidiu oferecer a sua vida ao Brasil.

Na capela do Ginásio Episcopal de Virgínia, onde os dois irmãos estudaram durante três anos, foi colocada pelo irmão sobrevivente uma placa em memória de Lucien com esta inscrição:

Em afetuosa memória de

Lucien Lee Kinsolving S.T.D., L.L.D.

Missionário no Brasil, 1889-1929.

Primeiro Bispo do Brasil Meridional

Nascido em Middleburg, em Virgínia,
a 14 de Maio de 1862.

Consagrado na Festa da Epifania, em 1899.

Falecido em Forest Hills, em Nova York.
a 18 de Dezembro de 1929.

Estudante neste Ginásio 1878-1881.

«Eles remontarão com asas como águias».

No longe Brasil, o povo da jurisdição missionária contribuiu para uma herma de bronze do seu Bispo, que está ereta no átrio da primeira igreja que êle construiu, a Igreja do Salvador, na cidade de Rio Grande.

Sobreviveram a Lucien sua espôsa e três filhos, Carlos Mc Ilvaine Kinsolving, Arthur Barksdale Kinsolving II, atualmente Bispo Missionário de Arizona, e Lucien Lee Kinsolving.

Assim falou o coração fraterno. E agora não nos é dado fugir ao desejo de transcrever neste passo o sentido tributo, que ao seu Bispo que se partira, rendeu o Rev. George Upton Krischke, na sua História da Igreja Episcopal Brasileira:

«Do acêrto da escolha do insígne missionário para o primeiro Bispo Diocesano da Igreja Episcopal Brasileira, dizem, sobejo, os resultados obtidos durante os quase trinta anos de seus episcopado. À semelhança da homenagem prestada à memória do afamado arquiteto da Cathedral de São Paulo, em Londres, pode-se também dizer de nosso inesquecível prelado: «Si monumentum requeris, circunspice — se exigís monumento, olhai em tórno de vós». Está aí a Igreja Episcopal Brasileira, afim de atestar da grandeza do profeta, do administrador, do pai em Deus que foi o Revmo. Dr. Lucien Lee Kinsolving.

Os números da estatística, se, por um lado, não logram informar-nos da envergadura espiritual dos indivíduos, têm a vantagem de dizer, eloqüentemente, do progresso material das instituições.

Quando sua Excia. Revma. assumiu as rédeas do govêrno da diocese, havia 7 ministros, 15 lugares de pregação, 365 comungantes, 7 escolas dominicais com 236 alunos. A receita anual era de vinte mil cruzeiros, e o valor das propriedades da Igreja computava-se em 300 mil cruzeiros.

Ao ser aposentado, cêrca de 30 anos mais tarde, regista a estatística os seguintes dados: 32 ministros, 90 lugares de pregação, mais de 3 mil comungantes, 53 escolas dominicais com 3.300 alunos. A receita dêsse ano foi de 230 mil cruzeiros. O valor das propriedades se havia elevado a 2 milhões e 800 mil cruzeiros. É o seu monumento material, além da artística herma mandada levantar em memória sua, no adro, à frente da Igreja do Salvador, na cidade de Rio Grande.

Dos efeitos espirituais de sua atuação episcopal, das almas que conduziu ao sopé da cruz do Salvador, dos corações em que ministrou o bálsamo consolador do Evangelho, dos decaídos que levantou, dos desiludidos cuja fé fortaleceu, dos amigos e admiradores que adquiriu, só Deus mesmo o sabe. Constitui mistério que ultrapassa as nossas possibilidades!

Que Deus o haja no Reino da Glória»!

Aqui finda, Dr. Kinsolving, esta pálida homenagem, que, socorrendo-nos dos trabalhos dos teus grandes amigos, prestamos à tua memória. É uma homenagem muito pobre, mas, ocorrendo trinta e um anos após do teu traspasse, prova que não foste esquecido. Pois, qual estrêla remota que, extinta no firmamento, ainda continua a brilhar sôbre a terra, durante milênios, pelos derra-deiros raios de luz emitidos, assim tu, desaparecido dentre os habitantes da terra para ires morar com Deus, continuas a viver nos corações dos brasileiros, que tanto te quiseram, pela luz do teu amor, da tua fé, da tua bondade.